

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS ANEXO BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	CÓDIGO DA FICHA					
	RS	01	03	06	A3	03
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	ANEXO	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Comunidade <i>Mbyá-Guarani</i> em São Miguel Arcanjo
LOCALIDADE	Caaró
MUNICÍPIO / UF	Caibaté/RS

2. RELAÇÃO DOS BENS**2.1. LUGAR**

DENOMINAÇÃO	Santuário do Caaró			IDENTIFICADO		1
				SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Fundado em 1992	LUGAR	Coxilha próxima ao rio Urucúá (Caibaté/RS)		
DESCRIÇÃO	O Santuário do Caaró, o qual é reconhecido como o suposto local de “martírio” dos padres jesuítas Roque González e Afonso Rodriguez (homenageando também o beato Pe João del Castillo morto próximo dali, no Pirapo, Redução de Assunção do Ijuí) [681, 682]. Situado a 14 km da cidade de Caibaté e a 25 km do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo (Município de São Miguel das Missões), tem acesso asfaltado com 2 Km de extensão desde o trevo de acesso a Caibaté, no km 416 da BR 285. O Santuário do Caaró ocupa um papel de centralidade na comunidade, constituído por dezoito famílias e aproximadamente oitenta pessoas vivendo no entorno do santuário. Elevado recentemente à categoria de paróquia, passará a agregar fiéis cristãos de doze localidades próximas, pertencentes aos municípios limítrofes ao distrito de Caaró, quais sejam: São Luis Gonzaga, São Miguel das Missões e o próprio município de Caibaté. As principais atividades econômicas da região são a monocultura de soja, as roças familiares de milho, batata e feijão, a pecuária e o turismo religioso em torno ao Santuário. Esta região historicamente foi ocupada pelos Guarani, o próprio nome Caaró é Guarani (caa = erva e iro = amarga) indicando local de ervais, os quais eram disputados com os índios da Província de Ibiáça. Ha, inclusive, no Santuário no monumento em homenagem aos mártires, referencia também aos índios Guarani mortos, inclusive na luta por sua terra. No entanto, não ha Guarani residindo e, tão pouco, circulando, com freqüência, na região.					
REGISTROS	Ficha de Identificação: Lugares			Nº	F50.1	
CONTATOS	Osvaldo Paredes, José Cirilo Pires Morinico; Marcelo Gonçalves, Emílio Santos			Nº	07, 08, 20, 16	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	RS	01	03	06	A3	03
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

DENOMINAÇÃO	Acampamento do rio Urucúá				IDENTIFICADO		2
					SIM		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Re-ocupação pelos <i>Mbyá</i> desde a década de setenta	LUGAR	Às margens do rio Urucúá, junto à ponte na BR 285			
DESCRIÇÃO	O rio Urucúá tem seu nome emprestado de uma expressão Guarani que significa concha, molusco em referência a grande quantidade desta fauna do ambiente conhecido pelos primordiais Tupi-Guarani do começo da era crista. Desde aquela época, o curso do rio transformou-se em eixo de deslocamento entre a bacia do rio Ijuí e a do rio Piratini, trespassando território compartilhado por outras etnias originárias. A bacia do Urucúá constituiu-se como rota Guarani parte do Tape, província colonial que se estendia pelo interflúvio Uruguai-Jacuí em direção ao baixo vale deste segundo rio. Embora parte do Tape, o Urucúá tinha posição de fronteira com relação à província de Ibiaçá, onde dominavam os temidos grupos de fala Je dos quais os Guarani eram, geralmente, inimigos. Foi nesta fronteira, em meio à disputa pelo controle de ervais nativos, que se fez à presença dos missionários jesuítas que foram inicialmente “martirizados” no Caaró. No início da década de 1970, o local foi re-ocupado por famílias <i>Mbyá</i> em deslocamento oriundos de Misiones, Argentina. Isto motivou outros acampamentos as margens Urucúá que a época era a principal referencia territorial na região. Para a aplicação do Inventário nossa equipe esteve no local do acampamento acompanhado por dois <i>Mbyá</i>, sendo que um deles, Osvaldo Paredes, viveu ali por quase um ano em 1978. Estavam em duas famílias nucleares e seu sustento estava calcado na venda do artesanato realizado na BR 285. Além disso, dispunham de pesca no rio, espalhavam armadilhas de caça na mata, onde também coletavam frutos e a matéria-prima para confecção do artesanato, incluindo a <i>takúá</i> (taquara), importante elemento representativo de permanência espacial. O abandono do local foi marcado pela morte de um menino <i>Mbyá</i> de dezessete anos que as margens do rio Urucúá foi sepultado, tornando-a uma referencia espiritual.						
REGISTROS	Ficha de Identificação: Lugares				Nº	F50.2	
CONTATOS	Osvaldo Paredes, José Cirilo Pires Morinico; Marcelo Gonçalves, Emílio Santos				Nº	07, 08, 20, 16	

3. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Adrián Campaña, Carlos de Moraes , Marcelo Mbitu, Osvaldo Paredes, com a participação de Emílio Santos		
SUPERVISOR	José Otávio Catafesto de Souza		
PREENCHIDO POR	Carlos de Moraes		DATA 11/09/2006
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Beatriz Muniz Freire		